

Tríade madrasta-enteado-mãe: reflexões acerca da maternidade

Cristina Ribeiro Dantas
Terezinha Féres-Carneiro
Rebeca Nonato Machado
Andrea Seixas Magalhães

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Resumo

O presente estudo é parte de uma investigação mais ampla sobre a conjugalidade e a parentalidade no recasamento e tem como objetivo investigar a trama interacional entre a madrasta, seus enteados e as mães destes. Para tanto, realizou-se uma pesquisa qualitativa, na qual foram entrevistadas 16 madrastas do segmento socioeconômico médio, com idades entre 28 e 43 anos. Os resultados foram analisados de acordo com o método de análise de conteúdo na sua vertente categorial. Da análise do material emergiram seis categorias de análise. Para atingir os objetivos formulados neste trabalho, será discutida a categoria *tríade madrasta-enteado-mãe*. Constatou-se que a interação na tríade é influenciada pelo processo relativo à elaboração do luto pela separação anterior, pelos papéis de gênero e pelo estereótipo da ‘mãe insubstituível’.

Palavras-chave: Maternidade; Identidade de gênero; Relações conjugais.

Stepmother-stepchild-mother triad: reflections on motherhood

Abstract

The present study is part of a broader research on conjugality and parenthood in the remarriage and aims to investigate the interaction between the stepmother, her stepchildren and their mothers. For that, a qualitative research was carried out, in which 16 stepmothers of the middle socioeconomic segment, aged between 28 and 43 years, were interviewed. The results were analyzed according to the content analysis method in its categorial aspect. Six categories of analysis emerged from the material. To achieve the objectives formulated in this work, the category *stepmother-stepchild mother triad* will be discussed. It was found out that the interaction in the triad is influenced by the process related to the previous separation mourning process, by the gender roles and the stereotype of the irreplaceable mother.

Keywords: Motherhood; Gender identity; Marital relations.

Tríada madrastra-hijastro-madre: reflexiones sobre la maternidad

Resumen

Este estudio es parte de una investigación más amplia sobre la conyugalidad y la parentalidad en las nuevas nupcias y tiene como objetivo analizar la trama de interacciones entre la madrastra, sus hijastros y sus respectivas madres. Para esto, se realizó una encuesta cualitativa en la cual fueron entrevistadas 16 madrastras del segmento socioeconómico medio, con edades entre 28 y 43 años. Los resultados fueron evaluados usando el método de análisis de contenido en su vertiente categorial. De la evaluación de material emergieron seis categorías de análisis. Este trabajo irá discutir la categoría *tríada madrastra-hijastro-madre*, desplegada en tres subcategorías: *relación madrastra-madre de los hijastros*; *impresiones sobre la maternidad*; y *conflicto de lealtad*. Se constató que la interacción en la tríada es influenciada por cuatro factores clave: el proceso de elaboración de luto, la separación anterior, los roles de género y el estereotipo de la ‘madre insustituible’.

Palabras clave: Maternidad; Identidad de género; Relaciones conyuales.

Presenciamos na sociedade contemporânea, profundas transformações no âmbito político, cultural, econômico e social que vêm influenciando de maneira objetiva e também subjetiva, o cotidiano familiar. Vale ressaltar, no entanto, que as mudanças ocorridas no seio da família convivem com permanências ideológicas e comportamentais, enriquecendo e tornando ainda mais complexo o estudo acerca da família e suas transformações (Passos, 2015).

A despeito das transformações sociais ressaltarem maior simetria no que diz respeito aos papéis de gênero, Jablonski (2010) afirma recair sobre as mulheres, a maior parte das tarefas domésticas. O autor destaca a força dos modelos parentais tradicionais fortemente enraizados em nossa sociedade. Estudos recentes apontam para a ambivalência feminina no que tange à maternidade, pois da mesma forma que as exigências profissionais se intensificam, a mulher se encontra dividida entre a maternidade e a carreira, o que pode contribuir para o seu sentimento de culpa (Badinter, 2011; Rocha-Coutinho, 2013/2015).

De acordo com Badinter (2011), o mito do instinto materno seria uma construção moderna na qual a maternidade passou a ser considerada uma tendência feminina inata. Nesse contexto, a mulher passou a ser valorizada socialmente, adquirindo a primazia da responsabilidade pelo lar e pela criação dos filhos. Porém, a entrada da mulher no mercado de trabalho, o advento da pílula anticoncepcional, entre outros fatores, contribuiu para mudanças significativas nas relações de gênero, repercutindo, sobretudo, nos papéis sociais e familiares, cada vez mais simétricos, flexíveis e intercambiáveis (Giddens, 1993).

Diante desse panorama histórico, em consonância com as transformações sociais, culturais e econômicas, a família vem se reinventando para abarcar as novas demandas e interações entre seus membros. Sob esse prisma, a família recasada surge como representante significativa das transformações sociais, possibilitando a criação de novos vínculos. O recasamento inaugura uma nova etapa na vida do grupo familiar, provocando mudanças no cotidiano e nas dinâmicas relacionais no que diz respeito aos papéis, regras, fronteiras, arranjos financeiros, de moradia, entre outros aspectos. Nesse contexto, a partir das demandas singulares de cada família padrastos e madrastas podem ser convocados a exercer funções parentais com seus enteados, antes ou ao mesmo tempo em que estão estabelecendo vínculos afetivos com eles. Os laços de filiação, que outrora determinavam prioritariamente quem exercia as funções parentais, cedem espaço aos laços socioafetivos, permitindo que os cuidados destinados aos filhos sejam partilhados por vários adultos, de

maneira simultânea ou consecutiva (Saraiva, Levy & Magalhães, 2014).

A inclusão de novos membros tais como os novos cônjuges dos pais, seus filhos, a família extensa de cada novo integrante e os filhos advindos desta nova união compõem esta vasta rede relacional. Convém sublinhar que, embora os laços conjugais tenham sido rompidos e, posteriormente, refeitos, os laços parentais do relacionamento anterior permanecem indissolúveis (Costa & Dias, 2012; Magalhães, Féres-Carneiro, Henriques & Travassos-Rodriguez, 2013; Papernow, 2013). Contudo, estudos atuais postulam a imensa dificuldade dos adultos em separar a conjugalidade anterior do exercício das funções parentais, após o desenlace conjugal e o recasamento, reforçando a necessidade de haver um manejo sutil nos assuntos concernentes à coparentalidade nessas configurações familiares (Grzybowski, 2011; McGene & King, 2012; Pryor, 2014).

Ganong, Coleman, Feistman and Jamison (2015) pontuam a importância em se compreender os processos subjacentes à criação e à manutenção da coparentalidade após a separação conjugal e o recasamento. De acordo com os autores, pesquisas sugerem haver maior capacidade de os filhos se adaptarem à nova realidade familiar quando as relações coparentais entre pais, mães, padrastos e madrastas são satisfatórias (Costa & Dias, 2012; Emery, 2012; Papernow, 2013). Nesse sentido, a coparentalidade exercida de maneira eficiente possibilita que as fronteiras sejam permeáveis para incluir o padrasto e a madrastra nos cuidados com seus enteados e demarcadas o suficiente para assegurar os papéis do pai e da mãe (Emery, 2012). Na linha dessas considerações, as relações coparentais satisfatórias tendem a aumentar o envolvimento dos pais e mães que não residem com seus filhos, colaborando, por conseguinte, para o bem-estar dos mesmos (Troilo & Coleman, 2012).

O conceito de fronteiras advém da teoria sistêmica familiar e consiste em demarcações simbólicas que delimitam quem e como cada membro participa do sistema e dos subsistemas familiares. De acordo com Minuchin (1982), as fronteiras possuem as funções de proteger e diferenciar os membros da família. Em momentos de transição, como na separação e no período de adaptação ao recasamento, as fronteiras podem se tornar ambíguas, gerando confusão acerca do pertencimento e da definição dos papéis exercidos pelos membros familiares (Broderick, 1993). De acordo com Ganong et. al., (2015), quando as mães confiam nos pais e percebem a madrastra e o padrasto como bons cuidadores, elas tendem a expandir as fronteiras do subsistema coparental para incluí-los. Emery (2012)

sugere que pais e mães se mantenham na posição de cuidadores principais enquanto padrastos e madrastas respeitem os papéis parentais desempenhados por eles, oferecendo-lhes apoio. A manutenção de fronteiras coparentais saudáveis possibilita que padrastos e madrastas se envolvam com seus enteados de maneira gradual, sem ultrapassar a autoridade do pai e da mãe, servindo como fonte de suporte (Valentim de Sousa & Dias, 2014). A inserção da madrasta na família recasada preconiza a necessidade de reorganizações das fronteiras dos subsistemas familiares, assim como possíveis renegociações das funções parentais.

No recasamento, as madrastas e os padrastos vivenciam situações ambíguas em relação às expectativas dos pais e das mães acerca das funções parentais, tendo dificuldade para discriminar o momento em que devem participar como figuras parentais, daquele em que devem recuar, deixando que pais e mães assumam tais funções (Kelly & Ganong, 2011; Papernow, 2013). Para as madrastas, o desafio é ainda maior, pois, muitas vezes, elas se encontram em uma posição desconfortável entre o exercício das funções maternas, sem, contudo, serem a figura materna (Weaver & Coleman, 2005).

Corroborando tal complexidade, a madrasta se depara, por um lado, com o imaginário social da mãe idealizada e sagrada e, por outro, com o estereótipo do mito da ‘madrasta malvada’, contribuindo para a sensação de incerteza e confusão acerca do lugar que deve ocupar na família (Falcke & Wagner, 2000). No que tange ao estigma da madrasta, Pryor (2014) ressalta que o medo de ser associada à figura da ‘madrasta malvada’, os possíveis conflitos de lealdade com as mães dos enteados, a idealização em torno da maternidade e o receio de ser rejeitada pelos enteados são os maiores desafios vivenciados pela madrasta. Schrodtt (2011) destaca a necessidade de pesquisas que busquem compreender as díades mãe-madrasta e pai-padrasto, pontuando que a díade mãe-madrasta é a mais carregada de sentimentos ambivalentes.

Partindo de um estudo qualitativo com oito madrastas, Rines e Sailor (2015) concluem que elas percorrem um caminho tênue, perpassado pelo sentimento de isolamento, de frustração e de despreparo para o desempenho de seu papel, além da falta de apoio. As autoras pontuam o elevado nível de ansiedade vivenciado por elas em relação aos maridos, sobretudo, no que se refere à dinâmica familiar e à falta de clareza acerca do seu papel.

Investigando o nível de ansiedade vivenciado pelas madrastas, Doodson (2014) identificou três temas que contribuem para seu aumento. São eles: o relacionamento na díade madrasta-enteado; o relacionamento na díade

madrasta-mãe do enteado; e o papel de madrasta em si. A autora acrescenta ainda um quarto tema que diz respeito à maneira como as madrastas lidam com essas situações. Na díade madrasta-enteado, ela sugere que os desafios estão circunscritos ao desejo de ser aceita pelo enteado, a dificuldade de se sentir reconhecida em seu papel, o questionamento acerca da sua habilidade como madrasta e os conflitos relativos ao modo como os enteados são educados pelos pais e mães. A díade madrasta-mãe dos enteados é perpassada pela necessidade de as madrastas se sentirem outorgadas pelas mães, das diferenças entre ambas, do controle exercido pelas mães sobre seus filhos e do sentimento de exclusão em relação à família composta pelo pai (marido da madrasta), mãe e filhos (enteados da madrasta). O elevado nível de ansiedade em torno do papel da madrasta está relacionado à inexistência de um modelo de identificação a ser seguido, propiciando a percepção de que elas não possuem o controle sobre a situação familiar, dificultando a construção do seu papel. Doodson (2014) postula a importância de as madrastas criarem expectativas menos idealizadas e mais balizadas com suas realidades familiares. A autora também sustenta a importância da comunicação, tanto com o cônjuge, quanto com os enteados, para o favorecimento de uma nova identidade familiar.

Diante do exposto, o presente estudo tem como objetivo investigar a percepção das madrastas em relação à trama interacional na tríade madrasta-enteado-mãe. Buscamos, assim, colaborar para a reflexão acerca da construção dos vínculos afetivos forjados a partir do recasamento.

Método

Participantes

Participaram deste estudo 16 madrastas, residentes na cidade do Rio de Janeiro e pertencentes às camadas médias da população. A definição de camada média, adotada no presente trabalho, vai além do conceito de classe social pautada somente na renda familiar, correspondendo a algo mais abrangente e complexo, considerando semelhanças tais como acesso ao conhecimento, escolaridade, capital cultural, entre outras (Velho, 1987).

A idade das madrastas variou entre 28 e 43 anos ($M=36,7$; $DP=4,6$). O tempo de recasamento variou de três a 14 anos ($M=6,3$; $DP=3,2$). Das 16 madrastas, dez residem com, pelo menos, um enteado; três passam pelo menos um dia da semana com os enteados, revezando os finais de semana; e três encontram com os enteados nos finais de semana a cada 15 dias. A **Tabela 1** apresenta a descrição do perfil das participantes.

TABELA 1
Características biográficas das madrastas entrevistadas

Madrasta	Idade	Tempo de recasamento (em anos)	Enteado		Filho	
			Número	Idade	Número	Idade
M1	34	8	1	17	1	1
M2	43	7	1	11	1	3
M3	43	3	3	27; 20; 15	2	11; 3
M4	39	6	1	13	2	5; 3
M5	28	9	1	12	-	-
M6	40	2	5	31; 30; 16; 15; 9	-	-
M7	36	2	1	13	1	1
M8	38	3	1	12	-	-
M9	28	6	2	16; 10	1	1
M10	38	14	2	24; 15	1	11
M11	41	8	2	16; 11	-	-
M12	31	5	1	15	1	1
M13	37	6	2	17; 15	1	2
M14	39	7	1	17	1	2
M15	37	11	1	12	-	-
M16	35	4	1	7	1	1

Instrumentos e Procedimentos

Como instrumento de investigação, foram realizadas entrevistas gravadas em áudio e, posteriormente, transcritas na íntegra. O roteiro semiestruturado das entrevistas foi formulado a partir da revisão da literatura acerca do tema, contemplando questões abertas, elaboradas com base nos seguintes eixos temáticos: construção do lugar da madrasta; o imaginário social acerca da madrasta; vivência da conjugalidade no recasamento; construção do relacionamento com os enteados; relacionamento com as mães dos seus enteados. As entrevistas tiveram a duração de uma a três horas, e o local, data e horário, foram agendados de acordo com a disponibilidade das madrastas. O acesso às participantes ocorreu por meio de indicações, configurando, portanto, uma amostra de conveniência.

Cuidados éticos

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética da instituição onde foi desenvolvido, sob o número 2014-08. Todas as participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, autorizando a divulgação dos resultados em ensino, pesquisa e publicação, e foram informadas de que a sua identidade e a de seus familiares seriam preservadas.

Análise dos dados

Os dados coletados foram submetidos ao método de análise de conteúdo, na sua vertente temático-categorial, com a finalidade de investigar, a partir do material discursivo, as significações atribuídas pelas entrevistadas aos fenômenos (Bardin, 2011). Por meio da técnica temático-categorial, foram destacadas categorias temáticas, organizadas a partir da semelhança entre os elementos contidos no material coletado. Para tal, procedeu-se uma 'leitura flutuante', agrupando-se dados significativos, identificando-os e relacionando-os, até se destacarem as categorias de análise.

O presente trabalho apresenta parte dos resultados de uma pesquisa mais ampla, cujo objetivo foi investigar a conjugalidade e a parentalidade no recasamento, a partir da vivência das madrastas. Das narrativas das participantes, emergiram seis categorias de análise: *lugar da madrasta na família; denominação madrasta; conjugalidade no recasamento; diade madrasta-enteado; tríade madrasta-enteado-mãe; e transmissão geracional*. Para atingir os objetivos formulados no trabalho que ora apresentamos, discutiremos a categoria *tríade madrasta-enteado-mãe* e suas subcategorias. As demais categorias foram discutidas em outros trabalhos divulgados.

Resultados e Discussão

Para apresentação dos resultados, as madrastas foram nomeadas de um a 16, colocando-se, em seguida, a idade de cada uma.

Triade madrasta-mãe-enteado

Propomos pensar esta tríade a partir dos triângulos emocionais, conforme postulado por Bowen (1991). Segundo o autor, o processo de triangulação refere-se a um sistema interacional entre três membros, compreendendo uma díade e um terceiro, convocado a participar sempre que o nível de desconforto e ansiedade aumentar entre os dois membros. A entrada do terceiro na formação do triângulo visa a aliviar a tensão de um dos componentes da díade inicial. A partir da narrativa das madrastas, a categoria *triade madrasta-enteado-mãe* foi desdobrada em três subcategorias: *relacionamento madrastas e as mães dos enteados*; *impressões acerca da maternidade*; e *conflitos de lealdade*.

Relacionamento madrastas e as mães dos enteados

De acordo com Papernow (2013), a relação entre a mãe e a madrasta é considerada a mais tensa no âmbito do recasamento, pois, apesar das mudanças referentes aos papéis femininos contemporâneos, a identidade feminina permanece associada à maternidade. O receio de ser rotulada de ‘mãe desnaturada’ pode levar mães e madrastas a competirem pelo afeto dos filhos/enteados. No presente estudo, o relacionamento com as mães dos seus enteados foi descrito pelas madrastas de formas diferentes como ‘bom’, ‘civilizado’, ‘tenso’ e ‘inexistente’.

As madrastas que mantêm relacionamento bom com as mães de seus enteados afirmam que as mães não se sentem intimidadas pelas madrastas, levando-nos a pensar que estas elaboraram de maneira bem sucedida a sua separação e, por conseguinte, o recasamento do ex-cônjuge. As madrastas que mantêm um relacionamento civilizado com as mães de seus enteados relatam que o passar do tempo contribuiu positivamente para interações mais cordiais nos encontros sociais, ressaltando a necessidade de um período de adaptação para todos os membros envolvidos no recasamento.

O nosso relacionamento é bom... Ela (mãe da enteada) nunca manifestou um ciúme em relação a mim... A gente não é íntima, mas todo aniversário da W. (enteada) é engraçado porque é um dia que a gente se junta e parece que somos amigas de longa data. (Madrasta 2, 41 anos)

Antigamente, a gente (madrasta e mãe) nem se via. Hoje eu posso dizer que é uma relação civilizada. Não tem intimidade... A convivência é nos eventos deles (enteados)... Formatura, aniversário, essas coisas. Todos vão e a gente conversa. (Madrasta 11, 41 anos)

As comemorações nos eventos dos filhos são os momentos de maior convívio entre a madrasta e a mãe. Nesses casos, verificamos que o relacionamento estabelecido entre a madrasta e a mãe é baseado no respeito às necessidades dos filhos/enteados, mas sem a construção de uma relação íntima.

Por outro lado, muitas madrastas atribuem a dificuldade no relacionamento com as mães ao fato de elas não terem elaborado as questões referentes à separação conjugal anterior. Todas as madrastas que iniciaram um relacionamento conflituoso com as mães dos seus enteados associaram este fato ao pouco tempo existente entre a separação conjugal e o recasamento de seus maridos.

Como foi muito rápido (a separação e o recasamento), ficou aquela coisa no ar de que a gente já tava junto antes, e na verdade não era... Mas pra ela (mãe), ficou a coisa assim: não é possível, tem quatro meses que eles tinham se separado. Ela achava que tava acontecendo antes... A mãe não facilitava nada, falava mal de mim pros meninos (enteados). Se eu encontro ela na rua, ela nem fala comigo e eu nem falo com ela... Existe esse tipo de tensão. (Madrasta 13, 37 anos)

Era um relacionamento que nem existia... A gente nem se encontrava, nem se falava. Eu tinha muita raiva porque ela (mãe) atrapalhou muito a minha vida e eu achava injusto ela atrapalhar tanto a minha vida... E ela, em relação a mim, um ódio mortal, né?... A separação dele (marido) aconteceu em dezembro e em junho ele me conheceu. E nesses meses, a mãe da V. (enteada) tava trabalhando pra voltar com ele. (Madrasta 14, 39 anos)

As narrativas acima sugerem que o relacionamento entre a madrasta e a mãe é influenciado pelo modo como a separação conjugal anterior e o recasamento do marido ocorreram. A esse respeito, Féres-Carneiro (2003) pontua que a desconstrução da conjugalidade e a posterior reconstrução da identidade individual são processos lentos e necessários. No presente estudo, na grande maioria dos casos, houve pouco tempo entre a dissolução da conjugalidade anterior e o recasamento. Nesse contexto, a rapidez dos homens em se recasarem

pode contribuir para o surgimento de conflitos entre a mãe e a madrasta, repercutindo nas relações diádicas madrasta-enteado, pai-mãe, pai-filhos e mãe-filhos.

No que diz respeito à elaboração do luto pelo desenlace conjugal, observamos, a partir das narrativas, que a incapacidade de elaboração do processo de separação pode propiciar afetos nem sempre processados. O recasamento do ex-cônjuge pode ser vivenciado como um ataque ao narcisismo do ex-parceiro que não refez a vida amorosa. Este, impossibilitado de se responsabilizar pela parte que lhe cabe no que tange ao desenlace conjugal, projeta no ex-cônjuge a causa de todo seu sofrimento (Levy, 2011).

Ao introduzir o conceito de 'trabalho de luto', Freud afirma em 'Luto e Melancolia' (1915) tratar-se de um processo psíquico ativo elaborado pelo sujeito, podendo ser bem ou mal-sucedido. No caso da elaboração bem-sucedida, o sujeito consegue se desligar aos poucos do objeto libidinal, podendo realizar, em seu devido tempo, investimentos afetivos em outro objeto. Entretanto, a incapacidade de realização do trabalho de luto pode levar o sujeito à melancolia, caracterizada pela ambivalência entre o ego e o objeto perdido, constituída como reação à perda do objeto libidinal idealizado. Para Ogden (2014), conviver com a dor inerente à perda e ser capaz de simbolizá-la estão no cerne da vivência do luto. Porém, a cultura imediatista, marcada por fenômenos de caráter fútil, volátil e superficiais, alude à rápida superação do sofrimento, contribuindo para que a vivência do período de luto não tenha espaço (Bauman, 2003).

Quanto menos elaborado o luto pelo desenlace conjugal, maior a dificuldade dos ex-cônjuges em discriminar a conjugalidade da parentalidade. Além disso, a existência de filhos é um fator que leva a mãe a continuar presente, independentemente do recasamento dos ex-cônjuges e do acordo de moradia dos filhos. Assim, a dinâmica interacional do antigo casal convoca a permanentes negociações acerca dos cuidados dos filhos perpassando, deste modo, as dimensões conjugais e parentais na família recasada. No presente estudo observamos que a elaboração do luto pela separação e o lugar da mãe permanecer assegurado são fatores promotores de saúde emocional na díade mãe-madrasta, contribuindo para a adaptação de todos ao recasamento.

Uma vez a mãe da J. (enteada) veio falar pra mim, chorando, agradecendo como eu era uma excelente madrasta pra J. e eu falei: 'imagina, mas a J. é maravilhosa, não tem como alguém não ser uma madrasta boa pra ela'. Então, assim, todas as partes boas vieram pro meu lado porque a J.

já tava maiorzinha, já entendia tudo e a B. (mãe) já tava distensionada porque já tinha passado um bom tempo desde a separação deles. (Madrasta 7, 36 anos)

Até a mãe dela (da enteada) já falou pra ela (enteada): 'manda sim'. O H. (marido), também fala: 'ela manda sim'. Então, assim, nesse ponto eu tenho todo o apoio dos dois (mãe da enteada e marido). Imagina se eu tivesse que assumir tudo o que eu assumo e se não tivesse o respeito e apoio deles (do pai e da mãe). (Madrasta 15, 37 anos)

O sujeito que se recasa e possui filhos de relacionamentos anteriores pode ser solicitado a exercer os papéis parentais, tanto com seus ex-cônjuges quanto com seus atuais companheiros, propiciando a expansão da parentalidade (Magalhães et al., 2013). Pesquisas recentes sugerem que novos padrões de interação afetivos por parte dos adultos podem contribuir para o desenvolvimento de habilidades interpessoais dos filhos (Leme, Del Prette, & Coimbra, 2013; Papernow, 2013; Pryor, 2014; Schrod, 2011). Ademais, o vínculo afetivo entre o enteado e seu padrasto e/ou madrasta pode ser paulatinamente construído quando o padrasto e a madrasta não iniciam a relação com seus enteados de maneira intrusiva, querendo estabelecer regras e limites de imediato (Valentim de Sousa & Dias, 2014).

As repercussões provenientes dos desafios contemplados no recasamento, tais como o ingresso e a adaptação dos novos membros, as redefinições em torno das funções parentais, das fronteiras e do funcionamento familiar, podem ocasionar discordâncias entre os adultos. Nesse contexto, pensamos que o enteado pode ser capturado, tanto pela mãe quanto pela madrasta, quando o nível de ansiedade na díade madrasta-mãe estiver exacerbado. Convém sublinhar que, embora a entrada de um terceiro possa diminuir a ansiedade na dupla, tal dinâmica, além de se tornar habitual tende a congelar o conflito ao invés de resolvê-lo.

Impressões acerca da maternidade

Esta subcategoria emergiu a partir das narrativas das madrastas que moram com seus enteados. Convém destacar que a maioria das madrastas do presente estudo reside com seus enteados. Esse arranjo de moradia – pai, enteado, madrasta – vai de encontro aos dados obtidos pelo IBGE (2012) onde, em 87,1% dos casos de separação conjugal, a guarda foi concedida às mães.

Percebemos que os estereótipos relativos à figura materna – insubstituível e capaz de abrir mão de tudo para cuidar dos filhos – permeiam o imaginário da madrasta. A construção social em torno da maternidade

coloca a mulher em uma posição delicada, pois, se por um lado ela se depara com as altas expectativas em torno da 'mãe perfeita', por outro, ao conceder a guarda dos seus filhos ao pai, ela é marginalizada, sofrendo o estigma da 'mãe desnaturada' (Bemiller, 2010).

E o que mais me surpreendeu na história é que o meu marido falou: 'tudo bem, se você (mãe) quer ir embora, você vai embora, mas a minha filha fica. Eu já perdi uma filha (que morreu aos quatro anos por problemas cardíacos) eu agora to perdendo a minha mulher, então eu não vou perder a minha outra filha junto, você não vai levar a C. (enteada) eu vou ficar com ela'. E assim, qualquer mãe ia falar 'não' e ela falou 'então tá'. Esse 'então tá' é que eu fico assim, gente é perturbação, não é normal. (Madrasta 4, 39 anos)

Eu até lembrei da Medeia, assim, a mãe que abandona os filhos quando o homem vai embora, né? Ela teve esse movimento, a V. (enteada) chegava com os cabelos desgrelhados, a unha sem cortar, impressionante. E o H. (marido) dizia que nunca tinha sido assim. Ela não comprava roupa pra menina. Só que às vezes, eu tava cansada de ser a boazinha porque já tinha levado muito na cabeça. (Madrasta 14, 39 anos)

O fato de as madrastras se referirem às mães como 'Medeia' ou 'perturbada' reforça os preceitos do instinto materno bastante arraigado no imaginário social. Assim, embora o caráter inato em torno da maternidade tenha se dissipado, ainda encontramos resquícios dos modelos tradicionais de família. A maioria das madrastras que reside com os enteados afirma que as mães destes não exercem as funções parentais, como dar remédio quando os filhos estão doentes, estudar, levar ao médico e ao dentista, verificar se os deveres são feitos, entre outros. Tais resultados nos remetem à possibilidade de as mães que não residem com seus filhos estarem em busca de novas construções subjetivas, não mais, exclusivamente, atreladas à maternidade. A mãe dadivosa, capaz de qualquer sacrifício em nome dos filhos, parece ceder espaço a novos investimentos, tanto no universo profissional quanto no pessoal.

De acordo com as narrativas, a mulher que se separa e prefere que o ex-marido obtenha a guarda dos filhos é imediatamente excluída do rol das 'boas mães', uma vez que opta por não se dedicar à sua prole. O imaginário social que postula ser a mãe a única capaz de cuidar de seus filhos, além de sobrecarregar a mulher, provoca sentimentos de ansiedade e insatisfação nela (Beltrame & Donelli, 2012).

A teoria feminista acirrou a discussão acerca dos universos público e privado, trazendo à luz, na década de 70 do século passado, o debate acerca da 'invenção da maternidade' (Badinter, 2011). Posteriormente, os conflitos não mais se circunscreviam à maternidade e, sim, à divisão igualitária das responsabilidades entre as mães e os pais (Scavone, 2001). A esse respeito, convém destacar que, das 16 entrevistadas, 15 trabalham e investem em suas carreiras profissionais, além de serem as principais responsáveis pelos cuidados destinados à prole (filhos e enteados) e à gestão do lar.

O fato é que 90% das coisas acabam sobrando pra mim... Eu faço as compras e quando não faço eu digo o que precisa comprar... Contas sou eu que resolvo... As coisas do B. (filho) acabam ficando comigo porque eu passo mais tempo em casa, mas eu passo mais tempo em casa porque eu trabalho em casa... Tenho todas as coisas da casa e mais as do meu trabalho... De vez em quando rola uns quebra paus. (Madrasta 1, 34 anos)

Eu sou o pilar (da casa)... Organizar a rotina da casa, o que precisa comprar no supermercado, coisa pra escola deles, compromissos deles depois da escola, médico, tudo isso acaba sendo a agendinha da mamãe aqui. Então assim, eu diria que a parte doméstica fica muito nas minhas costas. Ai quando eu tô muito sobrecarregada eu peço um help. (Madrasta 4, 39 anos)

Ao tentar conciliar demandas da vida profissional e da vida privada, as madrastras mencionam o sentimento de sobrecarga, descrito como inerente à condição feminina. A inserção feminina no mercado de trabalho demanda maior investimento de recursos pessoais e profissionais que irão repercutir nas relações familiares. Atualmente, os dados do IBGE (2012) afirmam que as mulheres superaram os homens no que diz respeito ao nível de instrução. Os números apontam para 9,9% dos homens e 12,5% das mulheres com curso de graduação.

Em consonância com Rocha-Coutinho (2015), constatamos a coexistência de modelos tradicionais e modernos no que concerne aos papéis de gênero, podendo gerar conflitos e expectativas frustradas acerca do desempenho dos diversos papéis com os quais homens e mulheres se deparam na atualidade. Como a identidade feminina em nossa sociedade está associada à maternidade e à administração da rotina familiar, é esperado, em muitos arranjos familiares recasados, que a madrastra se ocupe dos cuidados dos filhos, dos enteados e do lar. Contudo, a inserção feminina no mercado de trabalho suscita reestruturações nos papéis

de gênero, convocando os homens à maior participação no âmbito privado.

Conflitos de lealdade

Os filhos podem vivenciar sentimentos conflitantes em relação à nova família, pois trazem consigo o sentimento de lealdade com seus pais e mães. O fato de pertencerem a mais de um sistema familiar pode propiciar o surgimento de sentimento de culpa em relação ao afeto recebido e dado aos seus padrastos e madrastas.

Boszormenyi-Nagy e Spark (1984) cunharam o conceito de lealdades invisíveis relacionadas ao cumprimento das expectativas e à organização do grupo familiar. Cada família tece sua própria rede de lealdades, uma espécie de conjunto de expectativas nem sempre verbalizadas que são transmitidas ao longo das gerações, visando à preservação do sistema familiar. Essas expectativas passam a ser interiorizadas, tornando-se obrigações internas. O não cumprimento das obrigações de lealdade pode gerar sentimentos de culpa e dívida.

As narrativas sugerem que os enteados, influenciados pela mãe, mudam o modo de agir com as madrastas. Alguns relatos destacam ‘a chantagem emocional’ que as mães fazem com os filhos, levando-nos a pensar no conflito de lealdade como fator que dificultaria as interações entre madrastas e enteados.

A pior coisa nessa relação mãe, madrasta e enteados é a guerra fria, a guerra velada... A violência maior nem é pra mim, é pras crianças que estão no meio desse fogo... O pequenininho agora tá com umas dificuldades, tá agressivo. Quando ele começou a ficar 15 dias lá, ele vinha pra cá, ele vinha armado. Ela fala coisas demais e deixa eles (enteados) armados. (Madrasta 6, 40 anos)

Ela (mãe) fala, às vezes: ‘ah, você não gosta mais de mim, só gosta dela’. Principalmente com o pequeno (enteado), funciona muito essa chantagem emocional. Então, quando ela chega, ele fica completamente mudado comigo. Fica meio frio, sabe?... Ele acha que se ele me abraçar, ele vai fazer ela sofrer. Então, ele não é natural como ele é comigo todos os dias, entendeu? Sem a presença dela, ele é muito mais carinhoso... Ela tem muito controle emocional em cima dele, entendeu? (Madrasta 9, 28 anos)

No presente estudo, observamos as reverberações da relação entre a mãe e a madrasta influenciando a

relação entre o enteado e a madrasta. Partindo dos relatos percebemos, em consonância com Levy (2011), que algumas mães, incapacitadas de elaborar aspectos relativos à conjugalidade anterior, envolvem os filhos em seu ressentimento, usando-os para atingir o ex-cônjuge e, por conseguinte, a madrasta. Ganong, Coleman, Jamison e Feistman (2015) pontuam que a permissão para a participação da madrasta na vida dos enteados é outorgada pela mãe quando estas percebem seu lugar assegurado, a madrasta é uma ‘boa cuidadora’, e o pai, além de estar envolvido na coparentalidade dos filhos, é considerado um bom pai. Em nosso estudo observamos que, para além destes fatores, aspectos não elaborados da separação conjugal anterior também podem comprometer o modo como as mães facilitam ou restringem a relação na díade madrasta-enteado.

Martin-Uzzi e Duval-Tsioles (2013) sugerem que a mãe exerce forte influência no que se refere às interações da nova unidade familiar recasada – pai, madrasta, filho (enteado da madrasta) – tanto nos aspectos concernentes aos seus próprios filhos, quanto no que diz respeito à identidade conjugal do novo casal. Segundo as autoras, enquanto os progenitores geralmente se sentem capturados entre os cuidados com seus filhos e a relação conjugal atual, os padrastos e as madrastas se sentem confusos em relação ao lugar que devem ocupar na família.

As relações afetivas estabelecidas entre os membros da família recasada podem gerar sentimentos conflitantes com relação à nova família, uma vez que os filhos provenientes de uniões anteriores trazem consigo o sentimento de lealdade aos seus progenitores. Nesse contexto, parece-nos de fundamental importância que os progenitores, assim como os padrastos e as madrastas, compreendam a complexa teia de interações engendrada a partir do recasamento, para que possam auxiliar os filhos e enteados a lidar com as repercussões emocionais decorrentes da separação e do recasamento.

Os pais influenciam seus filhos, tanto pelo modo como se comportam em relação a eles, quanto pela maneira como interagem com seus ex-cônjuges e atuais companheiros dos mesmos. Ao poder amar não só seus progenitores como seu padrasto e sua madrasta, a criança se sente respaldada para, sem sentimentos de culpa e de dívida, constituir um vínculo afetivo com eles (Valentim de Sousa & Dias, 2014). Na linha dessas considerações, Soares (2015) pontua que a relação madrasta/padrasto e enteados é fortemente mediada pela mãe/pai.

A despeito do desenlace conjugal e do recasamento, de um ou ambos os pais, o casal parental deverá continuar exercendo as suas funções, provendo e protegendo os filhos, criando novas formas de se relacionar com seus

ex-cônjuges e os atuais companheiros deles. Um dos maiores desafios relativos às díades mãe-madrasta e pai-padrasto refere-se à tensão existente nas negociações dos papéis parentais, juntamente com a delimitação das fronteiras entre os subsistemas conjugal e parental (Schrodt, 2011; Suanet, Van Der Pas, & Tilburg, 2013). O recasamento demanda melhor delimitação de fronteiras, uma vez que vários níveis de ajustes de subsistemas - conjugal, parental, fraterno – ocorrem em simultâneo, exigindo flexibilidade e criatividade para lidar com as diversas demandas (Costa & Dias, 2012).

Considerações finais

O relacionamento entre a madrasta e a mãe é influenciado pelo processo relativo ao desenlace conjugal anterior, juntamente com o tempo entre a separação, o recasamento e a elaboração das questões suscitadas ao longo deste processo mais amplo. As narrativas apontam para o surgimento de conflitos entre a madrasta e a mãe quando o ex-marido se recasa rapidamente (em menos de um ano) e o luto pela separação ainda não foi elaborado. As vicissitudes do desenlace conjugal e do recasamento do ex-cônjuge podem contribuir para a ‘guerra velada’, ressaltando a tensão entre madrastas e mães no que concerne ao desempenho da função materna.

A tríade madrasta-enteado-mãe compreende, em sua composição, uma triangulação. Assim, o enteado que fica entre a mãe e a madrasta pode estar sendo utilizado para atenuar ou exacerbar os possíveis conflitos relativos à dissolução da conjugalidade anterior e/ou ao exercício da função materna. Em contrapartida, a elaboração do luto pela separação permite que os laços afetivos entre os membros da família recasada sejam tramados com base no respeito e na resiliência, possibilitando a construção de vínculos pautados nos laços socioafetivos e consanguíneos. Diante destas circunstâncias, poder discriminar o que pertence à conjugalidade anterior e o que faz parte do exercício da parentalidade pode desatar nós e criar laços.

Observamos que a identidade feminina continua fortemente associada à maternidade, sugerindo a manutenção de papéis tradicionais de gênero em que as mulheres permanecem responsáveis pelos cuidados dos filhos/enteados e do lar. As impressões que a madrasta tem acerca da mãe encontraram-se associadas ao mito do amor materno, à ideia de sacrifício, proteção e abnegação. O fato de muitas mães não morarem com seus filhos, as colocou, pelo prisma das madrastas, em um patamar de ‘mães desnaturadas’. Os resultados sugerem a possibilidade de novas construções subjetivas, no que diz respeito à identidade feminina, não mais unicamente circunscritas à maternidade. No âmbito destas considerações, torna-se relevante a reflexão em torno da paternidade, pois, embora em nosso estudo, a maioria dos pais tenha a guarda dos filhos, os cuidados destinados a eles continuam ao encargo das figuras femininas.

Para ampliar o conhecimento acerca da trama interacional na família recasada, estudos futuros poderão investigar as díades madrasta-pai e padrasto-mãe, pois poderão contribuir para a identificação das dinâmicas conjugais do par recasado e suas repercussões no sistema familiar. Destacamos também a necessidade de novas pesquisas com membros da família recasada pertencentes a diferentes contextos socioeconômicos, tendo em vista ser essa uma limitação do nosso estudo.

Face às permanências e transformações referentes aos papéis de gênero, homens e mulheres precisam criar caminhos alternativos para estar em família. A madrasta vivencia o paradoxo de exercer o papel de mãe, sem, contudo, ser a mãe. Em meio a distintas demandas e organizações familiares, a madrasta precisará criar um modo de interação familiar que a possibilite encontrar um lugar com menos expectativas em relação ao exercício da função materna. Além disto, é importante que busque um lugar mais condizente com a singularidade da sua família, abarcando as nuances e contrastes constituintes de sua própria subjetividade. Assim, a fragilidade e a suscetibilidade da trama interacional dos membros da tríade madrasta-enteado-mãe convocam à flexibilidade, possibilitando a construção de relações saudáveis e originais.

Referências

- Badinter, E. (2011). *O conflito*. Rio de Janeiro: Record.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Bauman, Z. (2003). *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Beltrame, G. R. & Donelli, T. M. S. (2012). Maternidade e carreira: desafios frente à conciliação de papéis. *Aletheia*, 38-39, 296-217.

- Bemiller, M. (2010). Mothering from a distance. *Journal of Divorce & Remarriage*, 51, 169-184. <https://doi.org/10.1080/10502551003597824>
- Boszormenyi-Nagy, I. & Spark, G. (1984). *Invisible loyalties*. Levittown, PA: Brunner/Mazel.
- Bowen, M. (1991). *De la familia ao individuo*. Barcelona: Paidós.
- Broderick, C. B. (1993). *Understanding family process*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Costa, J. M., & Dias, C. M. S. B. (2012). Famílias recasadas: mudanças, desafios e potencialidades. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 14(3), 72-87.
- Doodson, L., J. (2014). Understanding the factors related to stepmother anxiety: a qualitative approach. *Journal of Divorce and Remarriage*, 55, 645-667. <https://doi.org/10.1080/10502556.2014.959111>
- Emery, R. (2012). *Renegotiating family relationships*. New York: Guilford Press.
- Falcke, D. & Wagner, A. (2000). Mães e madrastas: mitos sociais e autoconceito. *Estudos de Psicologia*, 5(2), 421-441. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2000000200007>
- Féres-Carneiro, T. (2003). Separação: o doloroso processo da dissolução da conjugalidade. *Estudos de Psicologia* (Natal), 8(3), 367-374. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2003000300003>
- Freud, S. (1915). Luto e melancolia. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud* (v. XIV, pp. 245-266). Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Ganong, L. H., Coleman, M., Jamison, T., & Feistman, R. (2015). Divorced mothers' coparental boundary maintenance after parents repartner. *Journal of Family Psychology*, 29(2), 221-231. <https://doi.org/10.1037/fam0000064>
- Giddens, A. (1993). *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: UNESP.
- Grzybowski, L. S. (2011). Ser pai e ser mãe: como compartilhar a tarefa educativa após o divórcio? In A. Wagner (Org.). *Desafios psicossociais da família contemporânea. Pesquisas e reflexões* (pp. 112-122). Porto Alegre: Artmed.
- IBGE (2012). *Estatística do registro civil*. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/registrocivil/2012/default.shtm>>. Acesso em: 10 out. 2013.
- Jablonski, B. (2010). A divisão de tarefas domésticas entre homens e mulheres no cotidiano do casamento. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 30(2), 262-275. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932010000200004>
- Kelly, K. & Ganong, L. (2011). "Shifting family boundaries" after the diagnosis of childhood cancer in stepfamilies. *Journal of Family Nursing*, 17, 105-132. <https://doi.org/10.1177/1074840710397365>
- Leme, V. B. R., Del Prette, Z. A. P., & Coimbra, S. (2013). Práticas educativas parentais e habilidades sociais de adolescentes de diferentes configurações familiares. *Psico* (Porto Alegre), 44(4), 560-570.
- Levy, L. (2011). "A vingança será maligna": um estudo sobre a alienação parental. In T. Féres-Carneiro (Org.). *Casal e família: conjugalidade, parentalidade e psicoterapia* (pp. 95-105). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Magalhães, A. S., Féres-Carneiro, T., Henriques, C. R., & Travassos-Rodriguez, F. (2013). O lugar do padrasto na clínica com famílias recasadas. In T. Féres-Carneiro (Org.). *Casal e família: transmissão, conflito e violência* (pp. 113-140). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Martin-Uzzi, M. & Duval-Tsioles, D. (2013). The experience of remarried couples in blended families. *Journal of Divorce & Remarriage*, 54, 43-57. <https://doi.org/10.1080/10502556.2012.743828>
- McGene, J. & King, V. (2012). Implications of new marriages and children for coparenting in nonresident father families. *Journal of Family Issues*, 33, 1619-1641. <https://doi.org/10.1177/0192513X12437150>
- Minuchin, S. (1982). *Famílias: funcionamento e tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Ogden, T. H. (2014). *Leituras criativas: ensaios sobre obras analíticas seminais*. São Paulo: Escuta.
- Passos, M. C. (2015). Vicissitudes do tempo na formação dos laços familiares. In T. Féres-Carneiro (Org.). *Família e casal: parentalidade e filiação em diferentes contextos* (pp. 11-23). Rio de Janeiro: Editora PUC.
- Papernow, P. L. (2013). *Surviving and thriving in stepfamily relationships – what works and what doesn't*. New York: Routledge.
- Pryor, J. (2014). *Stepfamilies: a global perspective on research, policy and practice*. New York: Routledge.
- Rines, L., S. & Sailor, J. L. (2015). An exploration of the lived experience of step-motherhood. *Journal of Divorce and Remarriage*, 56, 171-179. <https://doi.org/10.1080/10502556.2015.1012702>
- Rocha-Coutinho, M. L. (2015). Investimento da mulher no mercado de trabalho: repercussões na família e nas relações de gênero. In T. Féres-Carneiro, (Org.). *Família e casal: parentalidade e filiação em diferentes contextos* (pp. 103-117). Rio de Janeiro: Editora PUC.
- Rocha-Coutinho, M. L. (2013). A difícil arte de harmonizar família, trabalho e vida pessoal. In T. Féres-Carneiro (Org.). *Casal e família: transmissão, conflito e violência* (pp. 13-33). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Saraiva, C. A., Levy, L., & Magalhães, A. S. (2014). O lugar do padrasto em famílias recompostas. *Barbarói*, Santa Cruz do Sul, 41, 82-99.
- Scavone, L. (2001). Maternidade: transformações na família e nas relações de gênero. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, 8, 47-59. <https://doi.org/10.1590/S1414-32832001000100004>

- Schrodt, P. (2011). Stepparents' and nonresidential parents' relational satisfaction as function of coparental communication in stepfamilies. *Journal of Social and Personal Relationships*, 28(7), 983-1004. <https://doi.org/10.1177/0265407510397990>
- Shapiro, D. N. & Stewart, A. J. (2011). Parenting stress, perceived child regard, and depressive symptoms among stepmothers and biological mothers. *Journal of Family Relations*, 60, 533-544. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3729.2011.00665.x>
- Soares, L. C. E. C. (2015). *Pais e mães recasados: vivências e desafios "no fogo cruzado" das relações familiares*. Curitiba: Editora Juruá.
- Suanet, B., Van Der Pas, S., & Van Tilburg, T. G. (2013). Who is in the stepfamily? Change in stepparents' family boundaries between 1992 and 2009. *Journal of Marriage and Family*, 75, 1070-1083. <https://doi.org/10.1111/jomf.12053>
- Troilo, J. & Coleman, M. (2012). Full-time, part-time, full-time, and part-time fathers: father identities following divorce. *Journal of Family Relations*, 61, 601-614. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3729.2012.00722.x>
- Valentim de Sousa, D. H. A. & Dias, C. M. S. B. (2014). Recasamento: percepções e vivências dos filhos do primeiro casamento. *Estudos de Psicologia* (Campinas), 31(2), 191-201. <https://doi.org/10.1590/0103-166X2014000200005>
- Velho, G. (1987). *Individualismo e cultura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Weaver, S. & Coleman, M. (2005). Mothering but not a mother role: a grounded theory study of nonresidential stepmothers. *Journal of Social and Personal Relationships*, 22, 477-497. <https://doi.org/10.1177/0265407505054519>

Dados dos autores:

Cristina Ribeiro Dantas – Pós-doutoranda, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
Terezinha Féres-Carneiro – Doutora, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
Rebeca Nonato Machado – Pós-doutoranda, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
Andrea Seixas Magalhães – Doutora, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Endereço para correspondência:

Terezinha Féres-Carneiro
Rua Marquês de São Vicente, 225 – Gávea
22453-900 – Rio de Janeiro, RJ, Brasil
<teferca@puc-rio.br>

Recebido em: 21.03.2017

Aceito em: 28.06.2017